

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
Publicado desde 1921 - Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.PUBLISHER Luiz Friaus
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Fomes de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernando Diamant, Hélio Schwartsman,
Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Laiza Helena Trajano,
Patrícia Branco, Patrícia Campos Mello, Pêssio Arida, Ronaldo Lemos,
Thiago Amparo, Luis Friaus e Sérgio Dávila (secretário)
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Faria
DIRETORIA EXECUTIVA Alexandre Bonacio (finanças, planejamento
e novos negócios) Anderson Demian (mercado leitor e estratégias digitais),
João Cestari (tecnologia) e Marcelo Benes (comercial)

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Cessar fogo já entre Israel e Hamas

Legítimo em sua origem, como resposta ao ataque terrorista, conflito precisa parar devido ao número de civis mortos e à disparidade de forças

Na quinta (30), militares israelenses atiraram contra palestinos durante distribuição de comida em Gaza, deixando mais de uma centena de mortos, segundo o Hamas, ou 12 vitimas, de acordo com Israel, em novo episódio lamentável de uma guerra sangrenta e desigual.

O incidente, que ainda tem de ser mais bem esclarecido, evidencia um dos aspectos cruéis do atual conflito: a assimetria no número de vítimas entre os dois lados.

O ato selvagem do grupo terrorista palestino, que deu origem à nova fase da guerra interminável na região, matou 1.269 pessoas, entre elas mulheres e crianças, no maior ataque sofrido por Israel; dos 253 sequestrados, bebês inclusive, muitos continuam desaparecidos.

A reação militar que se seguiu, justificável na origem, escalou para uma mortandade sem precedentes no conflito Israelo-palestino, embalsamada pelo gabinete de extrema direita de Benjamin Netanyahu. Segundo autoridades palestinas, já são 30 mil os mortos em Gaza, a maioria mulheres e crianças.

Isso representa uma morte para cada 71 habitantes da população de 2,1 milhões. Significa também que Israel matou mais de 23 palestinos para cada vítima do ataque terrorista. Os números são contestados por Tel Aviv, mas podem até estar subestimados. Mais de 22 mil crianças são sujeitas à fome, enquanto Israel dificulta a ajuda humanitária.

Guerras assimétricas geram mil-

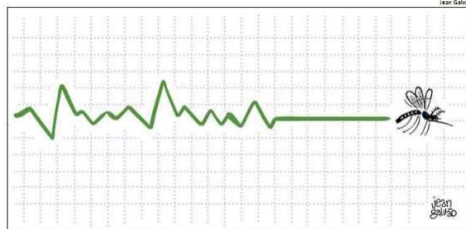
mero assimétrico de vítimas, argumentam os defensores da atual ofensiva israelense. É verdade. O ataque do 10 de Setembro de 2023 deixou 2.996 mortos nos Estados Unidos; a Guerra do Afeganistão, reação norte-americana àquele ataque terrorista, já matou 241 mil afegãos — 81 por morte original.

A diferença é que o conflito Israel-Hamas se dá entre o governo de um país estabelecido, com Forças Armadas e instituições democráticas, e uma facção que se instalou no comando de um enclave dentro desse próprio país.

É como se os EUA tivessem ido à guerra não contra o Afeganistão, então comandado pelo Talibã e guardião de Osama bin Laden, mas contra Nova Jersey, vizinha de Nova York. O desastre humanitário atual é consequência direta dessa proximidade territorial e da disparidade bélica e tecnológica.

Esta Folha defende a ideia de criar um Estado palestino que conviveria com Israel, a chamada solução de dois Estados, a mais viável para pacificar o Oriente Médio. Para que isso venha a ocorrer, o cessar-fogo e o acesso do grupo humanitário precisam ser obtidos já, com apoio da Ocidente e liderança da Casa Branca, na figura de Joe Biden. Na sequência, o Hamas deveria depor armas, e o governo de Netanyahu, renunciar.

A cada evento como o de quinta-feira, porém, as duas últimas ações parecem mais quiméricas.



A nossa Lua

Hélio Schwartsman

A Lua faz mais do que inspirar poetas. Não fosse por ela, não apenas não teríamos poesia como também não teríamos ciência, filosofia e religião. Na verdade, nem sequer existiríamos. "Our Moon" (Nossa Lua), de Rebecca Boyle, não esconde que seu objetivo é encetar a bola do satélite natural da Terra. Mas o faz com propriedade e talento narrativo.

Embora ela própria seja um mundo estéril, a Lua viabilizou a vida pluricelular em nosso planeta. Sem ela e sua força gravitacional, não teríamos nem dias nem estações razoavelmente estáveis. Também não teríamos as marés, que muito provavelmente estão na origem da passagem da vida marítima para a terrestre. Também não teríamos o campo magnético que nos protege da radiação cósmica. Obviamente tudo isso teve impacto sobre nossa fisiologia e nossa psicologia.

Nunca era em que relógios e calendários são ubíquos, damos a contagem do tempo como algo trivial. Mas não é. Foram os ciclos da Lua que nos ensinaram a perceber as-

manas e meses. Boyle vai à arqueologia de sítios como Warren Field e Stonehenge para explicar como isso aconteceu.

A autora também mostra como a Lua influenciou a religião, sua derivação para a filosofia (quando os gregos passaram a pensar seu movimento desvinculado de qualquer caráter divino) e, mais tarde, para a ciência (quando observações empíricas derubaram teorias de base mais racional). Boyle é competente tanto para explicar as complexas sutilezas matemáticas envolvidas no movimento das marés como também para analisar passagens de autores tão variados quanto Kant e J. K. Rowling.

As lições de Boyle me fizeram experimentar uma sensação de solidão. Se a Lua foi tão fundamental para a vida complexa e se satélites com suas características não são assim tão comuns, então aumentam as chances de estarmos sós ou, pelo menos, proibitivamente longe de outros seres inteligentes.

folha.uol.com.br

Uma questão de nobreza

Bruno Boghossian

Não são muitos os admiradores de Carlos Jordy no alto clero da Câmara. O deputado é visto como um político barulhento e um agitador do golpe bolsonarista. Nenhuma restrição impediu que os chefes da Casa explorassem uma operação contra o parlamentar em benefício próprio.

A PEC da blindagem ganhou corpo depois que a PF vasculhou o gabinete de Jordy em busca de provas de seu envolvimento com atos golpistas. Líderes de vários partidos desabalharam para usar uma proposta que, na prática, poderia deixar deputados e senadores fora do alcance de qualquer investigação.

A operação contra o parlamentar foi baseada em mígalhas. Jordy trocou mensagens com um sujeito que pretendia fechar estradas para causar o tumulto que seria a farsa do golpe. O deputado era chamado de "meu líder". Se a investigação parecesse amadora, a reação dos políticos mostrou onde estão os profissões.

O texto em discussão na Câmara proíbe operações de busca contra parlamentares nas dependências

do Congresso. A medida protegeria a honra de políticos que não devem nada. Os demais teriam um santuário para esconder o que quisessem.

O projeto ainda determina que apurações contra deputados e senadores só podem ser abertas com autorização do Congresso. Considere o espírito de corpo da turma, o problema estaria cortado pela raiz. Também está na proposta a figura de foro especial — que tiraria os processos do STF e os mandaria para tribunais dos estados, onde os políticos costumam ter grande influência. Para completar, deputados e senadores teriam acesso a trechos sigilosos de investigações em andamento.

A Constituição de 1988 dava uma condição "inviolável e sagrada" ao imperador, que não estaria "sujeito a responsabilidade alguma". Depois de distorcer uma discussão sobre invasão de competências pelo STF, deputados e senadores já podem escolher um título de nobreza.

9

São de férias e volta no dia 22. Até lá!

Títulos rutilantes

Ruy Castro

Outro dia, em conversa, citei um verso não me lembro de quem a respeito de não me lembro o quê, e um amigo, desses que vivem às vésperas do Apocalipse, me repreendeu: "Pena, poesia numa hora dessas". De fato — vacilei. Com toda a melhora dos últimos tempos, com uma tentativa de golpe de estado sendo investigada pelos parâmetros de uma democracia, quem garante que os agentes das trevas tenham sido derrotados? E, no caso, por que não usar a poesia como lanterna? Então me lembrei de como muitos livros dos nossos poetas, com as imagens luminosas de seus títulos, já nos ajudaram a levar a luz à vida.

Alvares de Azevedo escreveu "Lira dos Vinte Anos" (1882), como se adivesse que morte viria com esta idade. Outros viveram mais para celebrar: Casimiro de Abreu, com "Primerizas" (1901); Castro Alves, com "Espumas Flutuantes" (175); Machado de Assis, com "Falemas" (79) — falemas são mariposas, que que entram este ou aquele. Faça a sua lista.

los seres alados. Augusto dos Anjos, com "Eu" (1922), de modo a não restar a menor dúvida, e Olavo Bilac, com "Tarde" (19), quando, para ele, já era quase noite.

Adonís "Mulher Nua" (22) e "Meu Glorioso Pecado" (28), de Gilca Machado, "Gritos Bárbaros" (33), de Moacyr de Almeida, e "Jogos Fúteis" (26), de Ronald de Carvalho. "A Divina Incrência" (24), de João Baner, e "Caldo Verde" (30), de Fur-nandes Albaralho.

E vibrei com "Carnaval" (19) e "Libertagem" (25), de Manuel Bandeira. "Losango Cíptico" (26), de Mário de Andrade (que já ouvi citado como a levar a vida). "Pulverização da Fruta"; "A Túnica Incompleta" (38), de Jorge de Lima; "Vaga Música" (42), de Cecília Meireles; "Fazendeiro do Ar" (54), de Carlos Drummond; "A Luta Corporal" (54), de Ferreira Gullar; "Uma Fala São Lúcia" (56); "A Educação pela Pedra" (66), de João Cabral. Títulos fortes, não?

E, por favor, não me diga que fal-tou este ou aquele. Faça a sua lista.

Semeando fogo

Muniz Sodré

Professora emérita da UFPA, autor entre outros, de "Pensar Negro" e "Visceras da Guerra: São Domingos

Deus conta a história das milhares", registra o Talmude, bel-o livro da tradição judaica. A espessa enigmática da frase sus-cita várias interpretações, mas o sentido conflui para o pensa-mento da sensibilidade feminina como acréscimo de sabedoria e advertência para que se redobre o respeito à geração da espécie humana. Num poema sobre a tragédia nuclear ("A Bessa de Hiroshima"), Vinícius de Moraes escreve a que "pensem nas mulheres, rotas alteradas", assim como "pensem nas crianças, mudas telepáticas".

Os textos, de origens tão diversas, vêm aos olhos juntos com as notícias tenebrosas de Gaza, onde uma força militar poderosa faz terra arrasada de residências, edifícios e hospitais, até de filas de ajuda humanitária. As mulheres vítimas, milhares, são mulheres e seus filhos, corpos despedaçados ou estripados como nos horripilantes incinerações de divina vingança a Davi, o senhor da espada, no Velho Testamento. As crianças que sobrevivem aos combates tornam-se mudo, sem lágrimas, mas telepáticas no sofrimento.

Isso é Holocausto? Não. O ar-quitetado por presidente Reagan se confundiu num encontro com Menáchem Begin, assim como o presidente Lula. Um conselho poderoso foi do go-vernante e a cautela da língua. Em atual encenação teatral na Noruega, "Hamlet" infectado pelos corpos apodrecidos dos antecessores. O Holocausto, capítulo único, foi uma infecção do corpo nacional da Alemanha pela degeneração nazifascista. As vítimas foram judeus, ciganos, gays e deficientes.

Mas, como Lenin podia sugerir uma separação interna da política (há boa e má), é possível pontuar quando a pessoa do político se contrapõe ao cargo. Em Adis Adebba, Lula reprova tanto a desproporção dos ataques israelenses quanto o terrorismo do Hamas, que não poupou mulheres e crianças. Depois, coração na boca, incorreu na comparação impoética. Não ultrapassou limite, e sim o limiar ambíguo da linguagem de quem impregna em história.

Mas Lula agiu no interior da política que parte de onde se está, da vida e do pensamento das pessoas. Política como prática de pensar desde o senso comum e não do cercadinho da mídia corporativa ou do vício representativo do parlamento.

Não a ceia "Belpolítica", pois a degeneração fascista continua infectando e fazendo escola. Por coerência moral, deve indignar-se com os assassinatos de brasileiros, a agitação forçada na Venezuela, com a desfeitura ditatorial de Ortega e com a carnificina de Netanyahu. Holocausto não, certo, infanticídio massivo: espere quem o Talmude, já o cristão Salmo 104, que compara fêta a "chuva de fogo", isto é, a interdição de matar, lembre da fagulha do deslize retórico de Lula.